

Os salmos como louvor cristão

No prefácio explicamos porque selecionamos os salmos do Livro IV do saltério para ouvir as vozes do salmista inspirado e da igreja em resposta. Para ajudar-nos a introduzir esse *corpus*, somos um tanto desinibidos para empregar os seis homens úteis e honestos de Rudyard Kipling: “Eu tenho seis homens úteis e honestos. Eles me ensinaram tudo que sei. Os nomes deles são O quê?, Por quê?, Quando?, Como?, Onde? e Quem?”.

O QUÊ: O OBJETO DO LOUVOR: O *EU SOU*

As súplicas e louvores do saltério do Deus vivo de Israel, IAVÉ, tradicionalmente vertido como “o SENHOR”, neste volume é designado “*EU SOU*”. O salmo 99 tem o *EU SOU* como primeira e última palavras, o alfa e o ômega. O nome de Deus ocorre sete vezes nesse salmo e pronomes independentes (não requeridos em hebraico) para o *EU SOU* também ocorrem sete vezes. Na Escritura, o número sete simboliza os atributos e obras divinas (cf. Js 6.4).

A. Reflexões progressivas sobre a revelação de Deus

Deus progressivamente se revela a Israel, sua família adotada, hoje identificada como a igreja. Quando Deus chamou Moisés para liderar seu povo e sair do Egito rumo à terra prometida aos patriarcas, ele pacientemente revelou seu nome. Os nomes na Bíblia costumam envolver um jogo de palavras (associação de um nome próprio à palavra de som similar). O jogo de palavras no Pentateuco, de acordo com Austin Surls, tem quatro funções possíveis: comemoração (e.g. Caim, Gn 4.1), antecipação (e.g., Noé, Gn 5.29), descrição (e.g. Eva, Gn 3.20) e reminiscência (e.g., Abraão,

Gn 17.5).¹ O paralelismo entre Êxodo 3.14 e 3.15 indica que Deus explica seu nome IAVÉ (Êx 3.15) por meio do nome da sentença: “EU SOU O QUE SOU” ou “EU SEREI O QUE SEREI” (Êx 3.13,14). Presumivelmente, portanto, seu nome é descritivo (“Ele é”) ou antecipatório (“Ele será”). Janet Martin Soskice ressaltou que a *Septuaginta* traduziu o nome da sentença por “Eu sou o Ser”, compreendendo “a transcendência metafísica do tetragrama divino como ‘Ser em si mesmo’”.² A interpretação dela apoia em parte o sentido tradicional “EU SOU O QUE SOU”. Assim, o nome dele menciona seu Ser eterno, imutável. O Deus de Israel é autoexistente; ele não se deriva de alguém ou de alguma coisa.

Pouco tempo atrás, Austin Surls argumentou com base na sintaxe hebraica que o nome da sentença significa “EU SEREI O QUE EU SEREI”, significando antecipação: a revelação progressiva de si mesmo, não a descrição do seu ser.³ Portanto, Israel aprendeu pela primeira vez, por meio das pragas do *EU SOU* sobre Faraó, que o nome significou seu poder impressionante (v. Êx 6.1-4); e Israel aprendeu com o incidente do bezerro de ouro a respeito de sua graça maravilhosa (Êx 34.6; v. Sl 103.6,7). A interpretação mais tradicional, entretanto, além de comunicar seu Ser imutável, também induz a noção que ele progressivamente revelará quem é. O ápice é que o *EU SOU* se revelou no Filho, o Senhor Jesus Cristo, e que o Espírito Santo convence o mundo da Verdade (Jo 4.24).

No Novo Testamento (NT), o *EU SOU* se revela plenamente como Trindade: a Trindade ontológica: o Pai, o Filho e o Espírito Santo e uma organização trinitária, com cada Pessoa tendo uma função única.⁴ Hoje, o Pai deseja ser conhecido pelo nome do Filho, o Senhor Jesus Cristo. E

¹ *Making Sense of the Divine Name in Exodus*, BBRSup 17 (Winona Lake: Eisenbrauns, 2017), p. 28. “O jogo de palavras com o nome próprio no Pentateuco significa a expressão de um caráter (ou um comentário pelo narrador) que designa uma pessoa ou lugar e explica *imediate e explicitamente* porque ele ou ela escolheu esse nome”.

² “The gift of the Name: Moses and the burning bush”, em: *Silence and the Word: Negative Theology and Theomation*, Oliver Davies; Denys Turner, orgs. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 70ss.

³ *Making Sense of the Divine Name in Exodus*, p. 53, 57, 61.

⁴ A Trindade é como um acorde da tríade Dó maior: ele consiste em três notas da mesma substância, que funcionam diferentemente e unidas são uma; a unidade necessária para existir. Alguns dos atributos de Deus, como o amor, exigem mais de uma pessoa para serem significativos.

assim a igreja ora em nome do Filho para glorificar o Pai (Jo 14.13) e os apóstolos pregaram em seu nome (At 16.31). Paulo ensinou: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor [Jesus] será salvo” (Rm 10.13, cf. v. 9), uma citação de Joel 2.32[3.5]: “E todo aquele que invocar o nome do “EU SOU” será salvo”. O apóstolo aconselhou a igreja: “Habite ricamente em vocês a *palavra de Cristo*; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem *salmos*, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seus corações” (Cl 3.16, grifos acrescidos).

Providencialmente, os rabinos no período do segundo templo consideraram o tetragrama sagrado demais para ser pronunciado e usaram sinônimos para ele, como *Adonai* (“Senhor”) e *HaShem* (“O Nome”). Como resultado, a pronúncia original de IAVÉ se perdeu. Dizemos “providencialmente” porque a mudança da adoração com o nome pessoal de IAVÉ para a adoração com o nome pessoal de Jesus Cristo seria de outro modo bastante abrupta. O título: “o Senhor”, contudo, poderia prontamente ser aplicado a ambos ao Pai e ao Filho.

Na história acadêmica sobre o tetragrama, Robert J. Williamson demonstrou como a compreensão de Jesus como o “*EU SOU*”, é expressa pela primeira vez por Justino Mártir, e seguida pelos alexandrinos e por Agostinho de Hipona.⁵ Agostinho, ex-retórico profano, havia distorcido profundamente o nome de Deus. Mas depois de sua conversão radical, como ele narra nas *Confissões* e mais tarde formula nos comentários sobre os salmos, o louvor ao nome de Deus continuou a mudá-lo pelo resto da vida. As linhas introdutórias das *Confissões* vocalizam toda a nossa necessidade de louvor ao *EU SOU*: “O homem, uma pequena parte de tuas criações, deseja louvar-te, um ser humano ‘experimentando sua mortalidade com ele’ (2Co 4.10), trazendo consigo o testemunho de seu pecado e o testemunho de tu ‘resistes ao orgulho’ (1Pe 5.5). No entanto, louvar-te é o desejo do homem, uma pequena parte de tua criação. [...] Tem misericórdia, de modo que eu possa encontrar palavras”.⁶

“Encontrar palavras” não foi problema para o retórico, mas encontrar “as palavras corretas do louvor divino foi o dilema epistemológico de

⁵ *Tetragrammaton: Western Christians and the Hebrew Name of God* (Leiden: Brill, 2015) p. 136-8.

⁶ *Confessions* 1.1, 5, trad. por Henry Chadwick. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 1, 5 [edição em português: *Confissões* (São Paulo: Paulus, 1984)].

Agostinho. Como ele poderia procurar por Deus se ele nem sequer sabia quem ou o que ele procurava? Como louvaria a Deus se ele não sabia invocá-lo? Como ele poderia louvar a Deus se Deus está além de todo o conhecimento, ou nomeá-lo sem lhe distorcer o nome? Como Moisés, Agostinho percebeu que Deus deveria chamá-lo em primeiro lugar, embora lhe fosse ordenado invocar a Deus: “Fala a mim, de modo que eu possa ouvir”.⁷ Mas essa oração já é uma dádiva divina, uma dádiva da fé, uma dádiva da fala. Nós também, ao assumirmos a tarefa privilegiada de louvar, participamos da oração de Agostinho: “Minha fé, Senhor, te invoca. É tua dádiva para mim. Tu a sopraste em mim pela humanidade de teu Filho, pelo ministério de teus pregadores”.⁸ Como Janet Martin Soskice conclui com tanta beleza: “Essa fala a Deus se tornou possível porque Deus fala a nós em primeiro lugar, e nos proporciona não só a possibilidade do louvor, mas a verdadeira sociabilidade, o verdadeiro e verídico uso da posse compartilhada que é a fala”.⁹

B. Reflexos sobre a realeza

É apropriado que o comentário focado no tema o “EU SOU é Rei” elucide a noção de realeza.

O rei é o soberano do sexo masculino, geralmente entre rivais, de uma extensa unidade territorial como uma cidade ou nação. No mundo bíblico, os reis foram investidos de autoridade suprema por causa das habilidades para liderar, em especial em períodos de *guerra* e para *a aplicação da justiça*.¹⁰ Além disso, o rei é o *edificador* de templos (1Rs 6—8),¹¹ palácios (7.1-8) e mesmo cidades (12.25).¹² O salmo 93 louva o Rei divino como guerreiro, juiz e edificador, mas ele converge e aumenta essas qualidades. De fato, como guerreiro ele é mais poderoso que a fúria dos mares impetuosos (v. 3,4); como juiz, até decreta leis (v. 5); e como edificador, estabeleceu o globo terrestre com tanta firmeza que não pode ser abalado (v. 1). Na

⁷ Ibid., 1.5.

⁸ Ibid., 1.1.

⁹ “The Gift of the Name”, p. 75.

¹⁰ Marc Zvi Brettler, *God Is King: Understanding an Israelite Metaphor*, JSOTSup 76 (Sheffield: JSOT, 1989), p. 31, 109-16.

¹¹ Arvid Kapelrud, “Temple Building: A Task of Gods and Kings”, *Or* 32 (1963): 56-62.

¹² Brettler, *God Is King*, p. 117-22.